
JOSÉ ANTÓNIO BANDEIRINHA

Arquitecto

CONSIDERAÇÕES À MARGEM DO ESTIRADOR

179

DE entre as recentes movimentações na teoria da Arquitectura, sobretudo desde 1981, aquelas que, de uma forma ou de outra, estão ligadas a uma pretensa ruptura com o Movimento Moderno, têm sido conotadas com uma palavra-chave — pós-modernismo — acerca da qual creio haver a assinalar três grupos de questões: 1 — a sua origem (Charles Jencks, Londres, 1979, revista «Architectural Design»), voluntária ou involuntariamente remetida para a satisfação das necessidades do complexo mundo do *marketing* de modas em Arquitectura; 2 — a sua divulgação, associada a um conjunto de figurinos mais ou menos rebuscados em códigos historicistas, concretizada por intermédio dos grandes meios de comunicação e de actualização técnica, completamente dissociados das realidades e das complexidades do *local* de actividade dos destinatários, ao bom modo do Estilo Internacional, contra o qual se erguia; 3 — as consequências efectivas da adopção acrítica destes modelos na Cidade e no Território, hoje já pontuados pelas imagens caricaturadas de elementos de composição clássica que são a demonstração mais que evidente do timbre *à la page* dos seus autores.

Porquê agitar (se calhar, um pouco levemente) estes três grupos de questões?

Talvez porque me move a ideia de Arquitectura de experimentação contínua que procura uma relação estreita mas libertadora com a tradição e com a história.

Talvez porque nessa tradição incluo também a experiência do Movimento Moderno (para o melhor e para o pior) e a reputo de interesse vital para a compreensão da história e da cultura do nosso século, ora moribundo (com umbilical carinhoso pelo caso português).

Talvez porque procuro repartir o método de desenho entre subordinação ao valor do *local* — das suas inúmeras e subtis relações — e os modelos subjectivos da memória, na procura de uma qualidade que, por tão complexa e contraditória, não tem nome.

Porque, nesta paradoxalmente ingrata e frutuosa pesquisa de metodologias radicalizadas na identidade do *local*, opto, também, por rejeitar uma certa aculturação galopante e superficial que, qual coito incompleto só consumado pelo afagar medroso de algumas fachadas mais atreitas, atinge o nosso imaginário colocando-lhe as orelhas simbólicas do *Disneyworld*, como que querendo forçar os saberes do passado à promiscua coabitação com a capciosa mecânica do mercado — tão distante que já vai a enérgica aventura da *Pop Art*...

Porque penso que ao vazio criado pela abstracção funcionalista há a tendência para opor uma outra abstracção de tipo culturalista, a qual, por mecanismos de reacção primária, se socorre de códigos abusivamente figurativos, divorciados, na maioria das vezes, das artes da construção e do contexto global do projecto, e cuja formulação assenta na frequente confusão entre caracterização tautológica e mero formalismo.

Ainda, e talvez finalmente, porque me recuso a trocar o desenho e a memória — contributos insubstituíveis para a racionalidade do método — por meia dúzia de conceitos adquiridos à pressa no último folheto fotocopiado do Conselho da Europa, bem como a consolidar esta tendência para, como dizia o Alexandre Alves Costa, ofuscar a realidade com a ideologia da não ideologia. ■